

(recensão na Humanística e Teologia)

TOSO, MARIO – *Umanesimo sociale. Viaggio nella dottrina sociale della Chiesa e dintorni*. Roma: LAS [Libreria Ateneo Salesiano], 2001. 454 pág.

O subtítulo desta obra remete-nos imediatamente para o âmbito da moral social, perspectivada sob a óptica da Doutrina Social da Igreja (DSI), campo onde não falta bibliografia. O que chama a atenção é o título: humanismo. E este, por sua vez, por associação de conceitos, traz-nos à lembrança as propostas de *humanismo integral* e *nova cristandade*, de Jacques Maritain. Temáticas que, por acção ou reacção, mais se encaixam nesta época de secularização acelerada.

É, de facto, esta a perspectiva da obra, mesmo sem se declarar expressamente. No pré-Concílio, quando era mais que visível a dificuldade da presença actuante da Igreja no seio do mundo, o eminente filósofo francês elaborou a conhecida síntese social que perspectivava a edificação da sociedade à base da proposta cristã de plena realização ou cumprimento integral da pessoa humana (daqui o qualificativo de “humanismo integral” dado às teses de Maritain e à obra que mais as difundiu). Se edificar a sociedade é apontar em alguma direcção, a civilização cristã teria de fazer propostas. Era precisamente a proposta de levar o homem ao pleno cumprimento, face, por exemplo, à proposta materialista unidimensional do marxismo, ao tempo avassalador.

Maritain, ao distinguir os planos do empenho temporal sócio-político e o da fé, não opostos nem coincidentes, mas mediados pelo plano ético, superou o falido modelo medieval da identificação dos planos fé/política e lançou as bases de uma profícua presença actuante dos leigos no mundo, que o Concílio Vaticano II consolidou e alargou ao conceder-lhe autonomia em relação à hierarquia eclesiástica. Não haja dúvida que semelhante percepção, para além de gerar um imenso entusiasmo e optimismo, empenhou milhões de crentes na edificação da civilização do amor.

É desse dado que parte o actual a., Mario Toso. Tal como na época maritainiana/conciliar, hoje em dia a proposta social cristã sente imensa dificuldade em implantar-se no mundo. Depois das declaradas oposições dos humanismos antropocentristas que separaram e opuseram o homem e Deus, a razão e a fé, o conhecimento e o amor, depois de todo o mal originado no nihilismo e nas ideologias fortes materialistas, depois da completa demissão que é o pensamento débil e da irracionalidade dos sincretismos contemporâneos, o autor acredita que é chegada a hora de recentrar ontológica e eticamente o homem e a sociedade na transcendência de Deus. Este teocentrismo será o único e verdadeiro humanismo global, pois o imanentismo antropocêntrico mais não representou que a morte do homem.

O a. considera João Paulo II o grande arauto desta proposta. Proposta que representa uma imensa confiança no homem, no seu valor e sua dignidade, e na sua capacidade de, em Deus, buscar e encontrar a verdade e o bem. Então, com a DSI e, especialmente, com o Papa actual, percorrem-se os temas mais ou menos comuns nos manuais de moral social: família, trabalho, economia, política, Estado Social, meios de comunicação social e Europa. Mas é de ressaltar o facto de estes temas concretos serem antecidos de três capítulos que constituem como que a parte fundamental da moral social: um sobre o paradigma da DSI, outro sobre a “gramática comum” ou seus princípios estruturantes, e um outro sobre antropologia e direitos humanos. A obra termina com quatro assuntos, de natureza menos manualística e mais técnica e filosófica, como tal colocados em apêndice: respectivamente sobre o terceiro sector, a “Welfare Society”, as origens da sociedade e um confronto de algumas “sínteses sociais”. Destacaria este tema. Confrontam-se as sínteses sociais de origem marxista com as laicistas (naturalismo, racionalismo e historicismo) e com as de inspiração cristã, para chegar à

conclusão que é ainda praticável um projecto de sociedade de inspiração cristã, afinal, o pressuposto donde o autor partiu.

Enfim, a temática é atraente, os conteúdos fundamentais, a hermenêutica original e o a. (professor de Filosofia Social na Universidade Salesiana e de Magistério Social na Lateranense) dispõe de credibilidade suficiente. Razões que recomendam a obra.

Manuel Linda